

Um por todos, todos por um

Na noite de domingo, primeiro dia de 1995, Tereza Rosa de Paula, 56 anos tomou uma decisão: invadiria um terreno para construir sua casa. Ela foi a primeira pessoa a chegar na invasão de Sobradinho II.

Aproveitando a ajuda de filhos, genros e netos, a primeira invasora construiu o barraco antes do dia amanhecer. Depois, toda a família foi construir outros dois barracos, ocupados pelos filhos de Tereza de Paula.

Ela disse que não conseguia mais pagar aluguel. “Ganho um salário mínimo como doméstica e pago R\$ 50,00 para morar em um barraco”.

Dentre os invasores, os mais idosos eram João Corrêa, 79 anos e Alzira de Souza, 60 anos, que contaram com a solidariedade dos vizinhos para levantar o barraco.

Cobrança — “Votei no Cristo-

vam e agora espero que ele me dê uma casa para morar”, afirmou, esperançoso, João Corrêa.

“Quando cheguei aqui, era tudo mato”, contou João Corrêa. Apesar da idade avançada, ele ainda trabalha como vigilante numa chácara, próximo a Sobradinho. “Não tenho quem cuide de mim”, lamentou.

Enquanto os invasores se apressavam em construir o barraco, Maria Valdete dos Santos, 49 anos, vivia um dilema: invadir ou não invadir.

Ela mora de aluguel numa casa perto de uma das áreas invadidas, mas tinha dúvidas quanto às vantagens de se mudar para a invasão.

“Tenho medo de que venham, derubem o barraco e eu fique sem ter onde morar”, afirmou Maria Valdete dos Santos, inscrita no programa de assentamento há seis anos.



Maria Valdete, 49 anos, tem medo de que o seu barraco seja derrubado